

**ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA REPÚBLICA TCHECA
(A LÍNGUA PORTUGUESA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO
E DE CONHECIMENTO)**

Iva Svobodová (Universidade de Masaryk)
9255@mail.muni.cz

RESUMO

O presente artigo tem por objetivomapear a situação relacionada com o ensino e a aprendizagem de Português como Língua Estrangeira na República Tcheca. O alvo da pesquisa é verificar tanto os motivos que contribuem para a promoção da língua portuguesa no país como também realçar a importância dos laços históricos e culturais luso-tchecos. Para os efeitos da pesquisa foi distribuído, entre os alunos do programa de Licenciatura e de Mestrado de Filologia Portuguesa, nas Universidades de Masaryk (em Brno) e Carolina (em Praga) um inquérito, cujo pretexto foi revelar, igualmente, os maiores obstáculos que dificultam, em diferentes níveis da língua, o processo de ensino e de aprendizagem. Supondo estes serem provocados pelas interferências linguísticas, tratamos, na parte da análise contrastiva, das respectivas diferenças tipológicas que existem entre as línguas em questão.

Palavras-chave:

Motivação. Relações luso-tchecas. Português como língua estrangeira.

ABSTRACT

This article aims to map the situation related to the teaching and learning of Portuguese as a Foreign Language in the Czech Republic. The aim of the research is to verify both the reasons that contribute to the promotion of the Portuguese language in the country and to highlight the importance of historical and cultural relations between the Czech Republic and Lusophone countries. For research purposes, a survey was distributed among students of the degree and master's program in Portuguese philology at the Masaryk (Brno) and Charles University in Prague whose pre-text was to reveal, equally, the greatest obstacles that hamper the teaching and learning process at different levels of the language. Assuming these are caused by linguistic interference, we deal, in the contrastive analysis part, with the respective typological differences that exist between the languages in question.

Keywords:

Motivation. Luso-Czech relations. Portuguese as a foreign language.

1. Introdução

O ensino do Português como Língua Estrangeira tem gozado de uma grande popularidade nos últimos trinta anos na República Tcheca. A sua posição entre as outras línguas estrangeiras ensinadas tem-se tornado

cada vez mais visível em todo o país e isso, sobretudo, a nível do ensino superior.

O objetivo do presente artigo é revelar as razões desta crescente tendência e os principais fatores motivacionais que levam os alunos a optarem pelos programas da língua e literatura portuguesas no âmbito do ensino superior. No entanto, ao mesmo tempo, pretendemos investigar, em mais detalhe, alguns aspetos relacionados com o processo de aprendizagem, sobretudo, aqueles que constituem o maior obstáculo ao longo do estudo. Isso com base num inquérito distribuído entre os alunos dos cursos de filologia portuguesa tanto de licenciatura como de mestrado nas Universidades de Masaryk (em Brno) e Carolina (em Praga). Partindo-se da hipótese de as maiores dificuldades serem causadas pelas interferências linguísticas e divergências tipológicas que existem entre a língua de destino e a língua-alvo em vários níveis (cf. ELLIS, 2008; WEINREICH, 1974), incluiremos, no presente artigo, também, uma breve introdução à comparação, das duas línguas, focalizando, sobretudo, os níveis fonológico e morfológico.

O trabalho é, portanto, dividido em três partes principais. Na primeira secção, apresentamos os dados relacionados com o ensino da língua portuguesa no país. A segunda parte vai consistir na análise contrastiva e na abordagem de alguns aspetos linguísticos relevantes para a análise dos resultados do inquérito, a serem discutidos na terceira parte.

2. *Ensino de PLE na República Tcheca*

A República Tcheca²⁴ é um país democrático, situado no centro da Europa. A sua extensão geográfica é de 78 666 km² e, o número de habitantes, 10 500 000. O país é limitado ao norte pela Polónia, ao leste, pela Eslováquia; ao sul, pela Áustria e ao oeste, pela Alemanha. Praga, capital do país, é sua maior e mais populosa cidade. A Tchécua consta de três partes: a Boémia, que está situada na parte ocidental do país, a Morávia, que se encontra na parte oriental e, a Silésia, na região nordeste. Apesar da pequena dimensão geográfica do país, existem nele 7 centros de ensino da língua portuguesa, nomeados na seguinte Tabela 1:

²⁴ O país tem dois nomes oficiais: a República Tcheca (ou a República Checa em português europeu), que consta na sua Constituição, e a Tchécua (ou a Chécua em português europeu), usada mais a nível internacional.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tabela 1: Distribuição dos centros de ensino institucional na República Tcheca.

<i>parte do país</i>	<i>centros de ensino</i>
Boémia	Praga (Universidade Carolina, Instituto Camões, Academia Diplomática, Escola superior de Economia e Sociedade Cívica/Centro de Língua Portuguesa) Hradec Králové (Universidade de Hradec Králové) Pilsen (Academia de Economia, Liceu de Rokycany) České Budějovice (Universidade da Boémia de Sul)
Morávia	Brno (Universidade de Masaryk), Olomouc (Universidade de Palacký e a Universidade de Medicina)
Silésia	Ostrava (Universidade da Silésia)

Quanto ao número dos alunos, os dados proporcionados pelo Instituto Camões mostram que no primeiro semestre do ano acadêmico 2020–2021 foram inscritos 547 alunos nos centros institucionais (veja-se a Tabela 2, adaptada às necessidades de publicação, destacando, em negrito, os centros com cursos de filologia portuguesa).

Tabela 2: Número dos alunos entre no ensino institucional no ano letivo 2020–2021 (semestre de outono).

Cidade	Instituição	LP Língua de Graduação	LP Língua Curricular	Cursos Livres de Língua e Cultura Portuguesas	Nº alunos / Formandos TOTAL	Nº de alunos em disciplinas efetivamente lecionadas pelo próprio
Praga	Universidade Carolina	50	31	0	81	50
Praga	Soc. Cívica Lusofonia Aberta/CLP	0	0	106	106	8
Praga	Academia Diplomática - MNE	0	0	7	7	
Praga	Escolinha Portuguesa (pré-primária)	0	0	27	27	
Praga	Escola Superior Economia	0	22	0	22	
Brno	Universidade de Ma-	53	47	0	100	

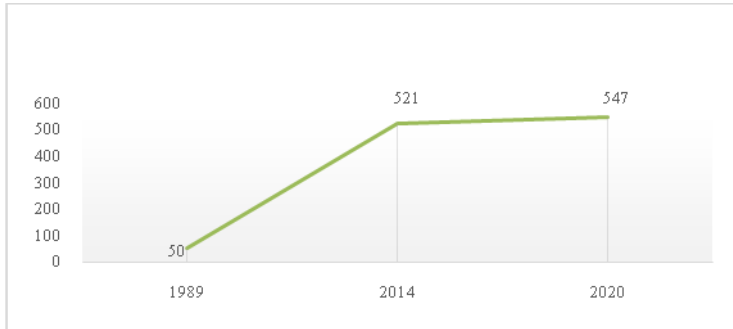
	saryk					
Olo-mouc	Univer-sidade de Palacký	38	19	0	57	
Olo-mouc	Faculda-de de Medicina	0	17	0	17	
Hra-dec-Kralo-vé	Univer-sidade de H. Kralové	0	25	9	25	
Pilsen	Obchod-niakade-mie	0	0	5	5	
Pilsen	Liceu Roky-cany	0	0	9	9	
České-Budě-jovice	Univer-sidade da Boé-mia Sul	0	16	0	16	
Ostra-va	Univer-sidade da Silé-sia	0	8	9	17	
					489	58

Fonte: Instituto Camões, Praga.

Dos dados do Gráfico 1, que mostram a tendência crescente do número dos alunos de PLE nos últimos trinta anos, pode-se deduzir, que aumento mais significativo de interesse pela língua portuguesa no país se registou entre os anos 90 do século passado, quando houve aproximadamente 50 alunos universitários em todo o país²⁵, e a segunda dezena do século 21, quando, no fim do ano de 2014, estavam oficialmente inscritos 521 alunos de PLE (cf. SVOBODOVÁ, 2016). Durante os últimos seis anos (2014–2020) o número tem subido apenas levemente, atingindo o valor de 547, segundo os dados proporcionados pelo Instituto Camões, que monitora com regularidade anual o ensino de português no país.

²⁵ O número exato não é possível verificar por causa da falta de digitalização de dados nesses tempos.

Gráfico 1: Número dos alunos entre 1989 e 2020.



Fonte: Svobodová (2016, p. 146).

Os motivos do marcante crescimento na primeira fase referida, evidentemente, estão associados ao contexto histórico e cultural do país e isso, sobretudo a dois acontecimentos. O primeiro é a Revolução de Veludo, que sucedeu em 1989 e derrubou o regime comunista, que tinha dominado o país na sua vertente soviética a partir dos anos cinquenta do século passado bloqueando, restritamente, durante quase quarenta anos, as fronteiras com o Ocidente. Durante esse tempo todo, as oportunidades de conhecer as culturas e as línguas existentes no *sota-espaço* atrás da cortina de ferro eram, praticamente, reduzidas a exílio e emigração. O segundo momento é a entrada da República Tcheca na União Europeia – em 2003, que abriu as portas para inúmeras oportunidades de colaboração acadêmica, designadamente para os projetos e programas de intercâmbios e estágios (p. ex. *Erasmus, Socrates e Freemoover*).

No entanto, importa recordar que um potencial terreno para o desenvolvimento das relações luso-tchecas se tinha criado ainda antes destes dois momentos decisivos e antes do regime totalitário. Durante a história dos dois países encontramos várias referências nas crônicas, nos manuscritos e mais tarde, também, na imprensa que documentam as relações históricas entre os Boêmios, portugueses e brasileiros. Entre outros podemos mencionar a participação dos Boêmios na batalha de Alcácer-Quibir em 1578, nas guerras contra a Espanha, para além da presença dos jesuítas tchecos em Portugal, que faziam partes das missões na Índia (Goa) e em Macau (cf. KLÍMA, 1996, p. 72-83). Na história das relações luso-tchecas exerceram um papel muito importante várias personalidades, p. ex. Václav Havel, Jorge Listopad, Alberto Vojtěch Frič, Jan Antonín Bafá, Juscelino Kubitschek de Oliveira ou Vilém Flusser quem, no seu ensaio

“Da língua portuguesa”, descreveu três fases de aprendizagem e de conhecimento de língua estrangeira que resumiremos de seguida.

Vilém Flusser dedicou a sua obra, sobretudo, a uma vasta gama de questões filosóficas, mas, no livro “Língua e realidade” (1963), ele abordou vários aspetos associados ao uso da linguagem, apresentando a sua visão da língua como um cosmo, que reflete e implica a estrutura da realidade, cuja concretização se vê condicionada pela sua realização fonética. O autor publicou os seus trabalhos (livros e ensaios) em várias línguas, flutuando entre o alemão, tcheco, francês e, sobretudo, o português. A língua portuguesa ocupava um lugar distinto na vida dele, e, no seu ensaio “Da língua portuguesa”, que publicou em 1960 na *Revista Brasileira de Filologia*, confessa encontrar-se na *affaire* de amante em relação a ela, apontando, no entanto, para diversos momentos inquietantes que tinha vivenciado durante a sua aprendizagem. Concretamente, referiu três fases de conhecimento da língua portuguesa.

A primeira fase compara-a ao conhecimento de nova realidade, à aproximação “de um barco linguístico das praias da nova terra”, que acarretava momentos de fascinação por algo novo (o autor destaca o carácter exótico da língua portuguesa com as suas melodias estranhas) como momentos inquietantes, isso porque os seus esforços não correspondem exatamente às suas expectativas, momento em que se sente deprimido como um “selvagem no asfalto nu”. Neste contexto, a língua portuguesa manifesta-se para ele como “(...) um mundo novo, cujos habitantes, se transferidos para a terra da nossa língua, estariam perdidos como indígenas no meio de uma cidade moderna”. Esta primeira fase é tão difícil como para uma dona de casa usar “o avião a jato para ir às feiras” (FLUSSER, 1960, [s.p.]).

A segunda fase consiste na transformação da antipatia em simpatia porque, finalmente, depois de tantos esforços, se consegue penetrar no sistema da língua e nas “regras supercomplicadas” da “sua engrenagem”, que, aos poucos, vai adquirindo vida: as suas diferentes componentes se transformam em órgãos do corpo humano, “(...) as rodas se transformam, sutilmente, em braços e pernas, as alavancas em órgãos internos, as corneas em músculos, as chaves em nervos” (*Ibidem*).

A terceira fase é uma fase romântica, e nela não se fala senão do amor e da paixão. A língua portuguesa, na sua forma personificada, é vista como um amante, que toca a alma e o coração da nossa personalidade, “(...) a ser transformada em partes do Eu”. Ao ser comparada com outras suas concorrentes, até passa a ter ciúmes. Flusser abre completamente o

seu coração à língua portuguesa, sonhando com que fosse abraçado por ela, com que a possuísse e com que deste amor nasçam filhos.

A descrição psicológico-emocional e, nalguns momentos, romântica e exuberante, do processo de conhecimento da língua não materna por Vilém Flusser, em grande parte condiz com o modo como encaram a língua portuguesa os alunos eslavos, não só os respondentes do inquérito como também os participantes do projeto “O que te aproxima da língua portuguesa”, realizado pelo Instituto Camões em Praga na ocasião do Dia Mundial da Língua Portuguesa (cf. <https://youtu.be/7trNUeyOqRw>²⁶), em que a língua portuguesa é descrita pelos alunos como uma língua exótica, como uma onda de mar que traz consigo bossa-nova e uma melodia bonitíssima, sendo comparada a um espelho que reflete o calor e o brilho dos seus falantes, do povo sorridente da sua fascinante cultura. É considerada, ao mesmo tempo, como um desafio para os amantes de linguística. Na ocasião do evento *Language and Culture as a guarantee of multi-polar and more tolerant future: the strategic, political, diplomatic and economic value of the Portuguese language*, (Praga em 2021), definimos a língua portuguesa como uma ferramenta que nos possibilita conhecer e adotar diferentes modos de pensamento e que nos ajuda a pôr nome ao desconhecido:

A língua portuguesa ensina-nos a sair da nossa hermeticidade, dos nossos estereótipos, motiva-nos a exteriorizarmos o nosso pensamento de um modo sofisticado, a sermos mais abertos e intelectualmente mais ricos, mais sinceros e, enfim, mais humanos. Com o artigo definido e indefinido aprendemos a ser mais empáticos, com o modo conjuntivo tornamo-nos menos assertivos e mais subjetivos sem termos que mudar de entoação, os conectores sintáticos e os marcadores portugueses conduzem-nos a pensar de modo coerente e lógico, as polissemias, a sermos mais flexíveis, os provérbios a sermos mais sábios e, as saudades, a sermos mais nostálgicos. (SVOBODOVÁ, 2021)

Como poderemos observar nos resultados do nosso questionário, os motivos de chegar a conhecer uma nova cultura, literatura e língua na verdade, superam, significativamente, os motivos pragmáticos apesar da vantajosa posição económica do português e da sua “engrenagem” complicada.

No processo de aprendizagem, um dos fatores relevantes é o grau de proximidade entre a língua materna e a não materna como já se referi-

²⁶ A referência do projeto intitulado “O que te aproxima da língua portuguesa”, elaborado pelo Instituto Camões em Praga, na ocasião do Dia Mundial da Língua Portuguesa (5 de maio de 2021).

una parte introdutória do artigo, sendo as transferências linguísticas que decorrem da língua-materna à língua-alvo tanto positivas como negativas (cf. ODLIN, 1989). Por isso, dedicar-nos-emos, nas seguintes páginas, à comparação das duas línguas, sobretudo, em dois níveis: o morfológico e o fonológico, sendo o critério sintático omitido, porque as línguas comparadas possuem propriedades de organização sintática semelhantes e, praticamente, a mesma ordem dos constituintes da sentença, sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) segundo a tipologia de Greenberg (1966).

3. *Análise contrastiva das línguas tcheca e portuguesa*

Existem várias teorias relacionadas com a classificação tipológica das línguas apresentando “grau de elaboração muito variado” (cf. BATORÉO, 2017) de acordo com os critérios a ser considerados: o estrutural ou de tipo morfológico e sintático (proposto, p. ex., por Skalička), o genealógico (estabelecido por August Schleicher) e, também cognitivo (p. ex. elaborado por Leonard Talmy). Ao mesmo tempo, vão surgindo teorias relacionadas com a tipologia fonológica das línguas (cf. Gordon 2016 ou Souza 2020).

3.1. *Comparação morfológica*

Quanto à classificação tipológica das línguas, no contexto de linguística tcheca, habitualmente, é seguido o modelo de Vladimir Skalička, apesar de não ser a única possibilidade de classificação tipológica de natureza morfológica existente (cf. COMRIE, 1981, MORAVCSIK, 2007 e 2011). Skalička divide as línguas em isolantes e afixais, sendo as últimas de dois tipos: aglutinantes e flexionais. As línguas flexionais são sujeitas a mais uma subcategorização apresentando propriedades sintéticas, analíticas e polissintéticas.

Veja-se as principais características brevemente descritas de cada um dos (sub)tipos e, à continuação, o Esquema 1 na página seguinte,

As línguas isolantes (amórficas) são caracterizadas por exprimirem as funções gramaticais pela ordem das palavras na frase e as novas palavras são formadas pela composição dos radicais (p. ex. o chinês clássico).

As línguas afixais são caracterizadas por exprimirem categorias gramaticais pelos afixos, e segundo o modo como são aplicados classificam-se em línguas aglutinantes e flexionais.

Nas línguas aglutinantes (e.g., o turco) existe um repertório muito rico de afixos porque cada uma das categorias é expressa por um afixo diferente, podendo-se acumular, numa palavra, vários afixos para exprimir diferentes funções gramaticais.

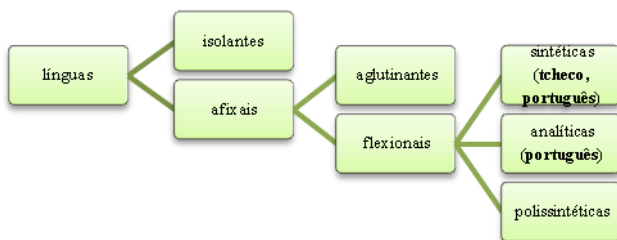
Nas línguas flexionais (fletivas) – as categorias gramaticais também são expressas por meio dos afixos. Segundo o modo da sua utilização, estas línguas subdividem-se em sintéticas, analíticas e polissintéticas.

As línguas sintéticas são representadas, sobretudo, pelo latim, ou pelas línguas eslavas. Num afixo podem acumular-se várias categorias gramaticais. Por exemplo, na palavra *ženami* (traduzido tipicamente como *com as mulheres*, há um radical *žena* (*mulher*) e um único sufixo – *ami*, que transmite a informação sobre o gênero feminino, o número plural, o caso ablativo-locativo.

As línguas analíticas são representadas, sobretudo, pelas línguas germânicas e, parcialmente, também, pelas línguas românicas, que podem exprimir as suas categorias gramaticais, para além das desinências, também, por morfemas separados (artigo, preposições, verbos auxiliares, que veiculam a informação sobre TMA nos tempos compostos).

Nas línguas polissintéticas, por outro lado, as categorias gramaticais nem sempre podem ser expressas por um morfema gramatical, por isso, tem que se recorrer ao uso dos meios lexicais. Por exemplo, no chinês contemporâneo, a palavra *kei* (que significa *dar*, *oferecer*) pode representar tanto o morfema lexical como gramatical (dativo). A telicidade pode ser expressa pelas palavras *wan* (*terminar*), *č'êng* (*acabar, terminar*) ou *ting* (*estabelecer, fixar*) (cf. PRŮŠEK, 1938 *apud* POPELA; VYKYPĚL; BOČEK, 2006). Neste grupo pertencem, por exemplo, as línguas inuítes, pala asiáticas, línguas maias, o guarani, línguas de Cáucaso, etc.

Esquema 1: Classificação tipológica das línguas segundo VladimírSkalička.



Importa salientar que muitos linguistas adverte-m do facto de as línguas apresentarem traços tipologicamente diferentes. A metodologia da classificação tipológica é, portanto, impossível de ser ortodoxa. Por um lado, são elaborados os *construtos ideais*, isto é, tipos ideais. Por outro lado, nenhuma das línguas pertence apenas a um único tipo, e a sua classificação é dada pelas propriedades dominantes em cada uma das classes lexicais. As línguas românicas, geralmente, são caracterizadas como línguas flexionais e sintéticas, embora possuam, igualmente, propriedades das línguas analíticas como já exemplificámos e como podemos observar na seguinte Tabela 3, que mostra as diferentes tendências tipológicas na formação das categorias gramaticais em diferentes classes lexicais, comparadas com o tcheco.

Tabela 3: Categorias gramaticais nas classes lexicais em tcheco e em português.

	PORTUGUÊS		TCHECO	
Nome	Número: singular, plural	II	Número: singular, plural	II
Flexão	Gênero: feminino, masculino (sintético)	II	Gênero: feminino, masculino (sintético)	II
Diferenças entre PT e TCH	- Não existe	X	Gênero: neutro (sintético) <i>Genusnominí</i> (animado, não animado) (semântico)	XXX
	Caso (preposicional - analítico)	II	Caso (7 casos) (sintético)	II
adjetivo flexão	Número: singular, plural	II	Número: singular, plural	II
	Gênero: feminino, masculino	II	Gênero: feminino, masculino	II
	Grau: positivo, comparativo, superlativo	II	Grau: positivo, comparativo, superlativo	II
Diferenças entre PT e TCH	-	X	Gênero: neutro (sintético)	X
	- Grau	X	Grau	X
	- Comparativo (analítico)	X	- Comparativo (sintético)	X
	- Superlativo absoluto (sintético)	X	- Superlativo absoluto (analítico)	X
	- Superlativo relativo (analítico)	X	- Superlativo relativo (sintético)	X

Artigo Flexão (morfema analítico)	Número: singular, plural Gênero: feminino, masculino (formação do número e Gênero: sintética)	X X	- Não existe	X
Pronome	Número: sg., pl. Pessoa, 1- 6 (Sintético)	II II II	Número: sg., pl. Pessoa, 1-6 (Sintético)	II II II
Diferenças entre PT e TCH	Caso (preposicional- analítico) Dativo, acusativo (sintético)	X II	Caso (7 casos)- sintético	X II
Numeral	Gênero (parcialmente)	II	Gênero (masculino, neutro, feminino)	II
	-	X	Caso	II
Verbo	Pessoa (sintético) Número (sintético) Tempo (sintético e analítico) Aspeto (sintético e analítico) Modo (sintético)	II II IIIX IIIX II	Pessoa (sintético) Número (sintético) Tempo (sintético) Aspeto (sintético) Modo (sintético)	II II IIIX IIIXII
Advérbio	Sintético e analítico	II	Sintético e analítico	II
Conjunção	Não flexional			
Preposição				
Interjeição				
Partículas				

Nota explicativa:

II – convergente; X divergente

Como podemos observar, a maior diferençatipológica, em termos de morfologia, existe nas classes lexicais variáveis das duas línguas. Em tcheco, nas classes nominais, i.e., de nomes, adjetivos, pronomes e numerais, as categorias gramaticais são expressas em cada um dos sete casos por afixos diferentes. Estes, por cima, diferem de acordo com o Gênero. Ao contrário, em português, as relações casuais são expressas por preposições, sendo as únicas formas sintéticas casuais as pronominais clíticas (*lhe, lha, lhes, lhas, o, a, os, as*). Quanto ao Gênero, a língua tcheca conta, para além do feminino e do masculino, também, com o Gênero neutro. No caso dos adjetivos, exprime-se o grau de comparação e os superlativos de modos diferentes: enquanto na língua tcheca predomina a aplicação dos meios sintéticos (*hezky = bonito, hezcí= mais bonito, nejhezčí = o mais bonito*), na língua portuguesa, o único meio de expressão desta categoria é o analítico (salvo algumas formas irregulares). Mas no que diz respeito ao superlativo absoluto, ocorre o contrário. Enquanto este é expresso, na língua portuguesa, sinteticamente, sendo formado pelo afixo *-íssimo*, em tcheco, só existe o superlativo absoluto analítico (*velmikrásný – muito bonito*). Quanto ao sistema verbal, a conjugação, em princípio, ocorre de modo flexional em ambas as línguas, mas, como veremos mais adiante, o sistema modotemporal nem sempre coincide: em tcheco não existe o conjuntivo e os tempos relativos. Antecipe-se que o sistema ver-

bal apresenta uma das maiores dificuldades no processo de aprendizagem de português e ainda voltaremos a referir alguns aspetos associados a esta classe verbal na secção dos resultados do inquérito.²⁷

3.2. *Comparação fonológica das línguas tcheca e portuguesa*

Quanto aos aspetos fonológicos, do ponto de vista contrastivo consideramos relevante referirmos as sílabas, os sistemas consonântico e vocálico e o acento.

Das descrições tipológicas acima referidas podemos deduzir que nas línguas tcheca e portuguesa, prevalecem palavras polissílabas devido aos processos de afixação, enquanto nas línguas isolantes predominam os morfemas lexicais que são, na maior parte, monossilábicos. Há a notar que em ambas as línguas se registam tentativas de identificar palavra mais longa. Assim, na língua tcheca, a palavra mais longa tem 17 sílabas (*nejzdevětadevadesáteronásobitelnějšiho*), e, na língua portuguesa, até 20 sílabas (*pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*). Na parte experimental do questionário, o nosso intuito foi verificar se a natureza silábica das línguas comparadas se reflete, de algum modo, na intuição linguística dos respondentes. Aos alunos foi pedido indicarem alguma palavra favorita em português, inspirando-nos em várias fontes, como Koyfman (2018) ou Reyzer (2021), que incluiu na lista das 80 palavras provenientes de diversos idiomas que possuem “mellifluous sound” quatro palavras portuguesas: *felicidade*, *carinho*, *saudade*, *nefelibata*. Curiosamente, entre as palavras mais favoritas dos respondentes encontram-se: palavras dissilábicas (6): *fixe*, *xixi*, *porque*, *casa*, *sorte*, *avô/avó*; trissilábicas, que foram as mais numerosas (9): *beija-flor*, *beleza*, *texugo*, *cidade*, *estrela*, *pequeno*, *saudade*, *fofinho*, *linguagem*; tetrassilábicas (7): *obrigada*, *madrugada*, *separação*, *abacaxi*, *saca-rolhas*, *borboleta*, *libélula*, e palavras de cinco (2) ou seis sílabas (2): *felicidade*, *desassossego* / *diversificação*, *inimaginável*. Há a notar que conforme a pesquisa “Problema na fonologia de palavra tcheca”, realizada sob o apoio da Academia Tcheca das Ciências (cf. BIČAN, 2015), são precisamente as palavras trissilábicas que prevalecem nas classes lexicais tchecas, sobretudo nas classes nominais variáveis, i.e., nome, adjetivo, verbo e advérbio), seguidas logo pelas palavras dissilábicas ou tetrassilábicas (cf. BIČAN,

²⁷ Para saber mais sobre a comparação tipológica das línguas checa e portuguesa, leia-se SVOBODOVÁ, Iva. “Comparação tipológica das línguas checa e portuguesa segundo VladimírSkalička”. *Etudes romanes de Brno*. Brno: Masaryk University, 2012, n. 33, v. 1, p. 385-99.

2015, p. 101). Num contexto de transferências linguísticas, pressupomos que este fator possa, igualmente, ter algum impacto no processo de aquisição da língua segunda ou estrangeira.

Quanto à estrutura da sílaba, em tcheco, tal como em português, prevalecem as sílabas abertas (em até 69,44% das palavras). No entanto, na língua tcheca, o seu núcleo pode ser constituído não só pelas vogais como também pelas consoantes *ler* (p. ex. *vlk* – lobo, *čtvrtek* – quinta-feira) acumulando-semais consoantes não só numa única palavra (p. ex. *scvrnkls* 8 consoantes) ou até numa única frase (p. ex. *Chrtplnskvrnvrhskrztrrschrp v čtvrťKrč* – 34 consoantes). O hábito de articular várias consoantes seguidas na língua materna facilita, significativamente, o processo de adoção de português, sobretudo, da sua variante europeia, da qual é típica a redução vocálica nas sílabas átonas.

No que respeita ao sistema consonântico, ambos os sistemas são muito parecidos. O repertório básico é quase idêntico. A classificação das consoantes de acordo com os critérios de modo e lugar de articulação é praticamente idêntica. As diferenças consonânticas a nível fonológico são, realmente, muito poucas, e, das mais relevantes, refira-se as seguintes:

Na língua tcheca:

- O grafema “h” é pronunciado como consoante constrictiva glotal soprosa;
- O grafema “ch” é pronunciado como a *jota* espanhola;
- O grafema “lh” não existe; e
- O fonema [R] – avibrante retroflexão existe.

Na língua portuguesa:

- O grafema tcheco “č” não existe, mas a sua realização fonética [tʃ] pode ser comparada à consoante africada [tʃ] típica do português do Brasil; e
- O grafema tcheco “ř” não existe, a sua realização fonética glotal fricativa [ʀ] não encontra o seu equivalente no sistema português nem na variedade europeia nem na brasileira.

No entanto, os sistemas vocálicos das duas línguas apresentam marcantes diferença. Na língua tcheca, tal como era típico do latim clássico, o sistema vocálico baseia-se na diferença quantitativa sendo a quantidade vocálica fonologicamente relevante. Existem, em tcheco, 5 vogais breves e 5 vogais longas: /a,á/, /e,é/, /i,í/, /o,ó/, /u,ú/. Sendo assim, as pa-

lavras *papá* (linguagem infantil – *está a papar*) e *pápá* (linguagem infantil – *adeus*) são semanticamente diferentes. Para além das 10 vogais, a língua tcheca dispõe de dois ditongos: /ou/ e /au/. Ao contrário, a língua portuguesa conta com 17 vogais (9 vogais orais, 8 vogais nasais) e 29 ditongos (25 ditongos orais e 4 nasais) e 8 tritongos (5 tritongos orais e 3 nasais) (cf. TLÁSKAL, 2006: 75-85).

Estas marcantes diferenças, como mostraremos adiante, representam uma transferência linguística negativa, sobretudo na fase inicial de aprendizagem.

No que diz respeito ao acento, na língua tcheca, este é de natureza fixa, recaindo, na língua-padrão, sempre na primeira sílaba. Na língua portuguesa, as palavras não têm o acento fixo, podendo ser divididas segundo a posição da sílaba tónica, em oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas. Como veremos adiante, a diferença entre o lugar e o tipo do acento vai causar um dos maiores problemas na fase interna (produção e percepção) do processo de aprendizagem.

4. Resultados do inquérito

Antes de apresentar os resultados, recordemos que a nossa análise se baseia num estudo realizado em 2016 (cf. SVOBODOVÁ, 2016) e que o nosso objetivo é analisar, para além da motivação dos alunos de optarem pelo programa de filologia, os aspetos linguísticos considerados pelos mesmos como mais problemáticos no processo de aprendizagem. O inquérito atualizado foi distribuído em julho 2021 entre os alunos dos programas de filologia nas universidades de Masaryk e a Carolina e foi dividido em várias áreas: motivação, processo de aprendizagem e as variedades preferidas. O questionário baseia-se em perguntas fechadas com múltipla escolha, mas, ao mesmo tempo, em questões abertas, havendo possibilidade de inserir um *insight* próprio sobre temas relacionados com a pesquisa. Sendo a pesquisa realizada fora do período de ensino e ainda durante a pandemia, a nossa análise debate-se com o número reduzido – 23 participantes. Estes, no entanto, proporcionaram--nos dados relevantes para a nossa investigação.

Começaremos por mostrar as componentes de motivação mais frequentes.

4.1. Motivação

As teorias motivacionais englobam um vasto escopo de aspetos associados ao processo de ensino e de aprendizagem (cf. DÖRNYEI, 1998; GARDNER, 2001; ELLIS, 2008; CAMPOS, 2020), mas praticamente todas partem da divisão da motivação em dois tipos: motivação intrínseca (ou interna) ou extrínseca (externa).

No nosso trabalho descobrimos que a motivação dos participantes do questionário é, principalmente, intrínseca. Isto quer dizer que os alunos escolhem o português como língua estrangeira no âmbito da sua formação escolar (universitária) pelos motivos internos, entre os quais costumam ser incluídos o interesse pessoal e espontâneo, a satisfação pela atividade em si, sem a necessidade de recompensa pela sua realização (cf. BZUNECK, 2009 e 2010), o desejo de conhecer novos sistemas linguísticos, novas culturas e sociedades, constituindo todas estas razões uma fonte importante de enriquecimento pessoal (cf. NUNES, 2020).

A maior parte das respostas, isto é, 42% referem como o motivo principal da escolha de PLE o interesse pelas línguas estrangeiras, pela cultura e pela literatura dos países da expressão portuguesa. Há a notar que nesta percentagem se reflete, também, o facto de a língua tcheca ser uma língua não mundial. Neste contexto, aprender mais que uma língua estrangeira é uma necessidade indispensável para a vida profissional e pessoal. Como já explicámos em Svobodová (2016), a escolha da língua concreta era sempre passível de vários fatores. É que, num espaço circundado historicamente, na maior parte da sua fronteira, por dois países germânicos economicamente mais fortes, sob o domínio da União Soviética que ocupou o país entre 1968 / invasão russa na Checoslováquia / e 1989 / Revolução de Veludo /, e sendo irrisistente à omnipresente língua inglesa, a necessidade de comunicação internacional leva a supor, logicamente, a predominante posição das línguas inglesa, russa e alemã. No entanto, logo a seguir a Revolução de Veludo (1989), regista-se uma reviravolta na área do ensino das línguas estrangeiras que desemboca, igualmente, num *boom* das línguas românicas tanto nas universidades como também nas escolas de ensino secundário ou nas escolas de línguas estrangeiras, que, incluíram no ensino curricular também cursos de francês e espanhol e de italiano.

No que diz respeito à língua portuguesa no país, demorou um certo tempo até ela chegar a ter uma posição mais visível. Para a sua promoção no país contribui uma gama de fatores. O mais importante não podia ser outro que a tradução para o tcheco das obras literárias de tais

escritores de relevo como são Guimarães de Rosa, Machado de Assis, Chico Buarque, Fernando Pessoa, José Saramago, Lobo Antunes, Afonso Cruz, José Luís Peixoto, ou Mia Couto entre outros. Mas de igual modo, muitos eventos culturais lusófonos celebrados em todo o país (por exemplo, os festivais LusoFest e BrasilFest, organizados, anualmente, em Brno) alimentam o interesse pela cultura dos países lusófonos e contribuem para a popularidade da língua no contexto eslavo. Face às circunstâncias descritas, os programas de filologia portuguesa ensinados a nível universitário estão a ganhar cada vez maior importância, garantindo o domínio da língua portuguesa e transmitindo e aprofundando, precisamente, conhecimentos nas áreas de cultura, literatura e história dos países da expressão portuguesa. Ao mesmo tempo, entre os fatores socioculturais podemos mencionar a importância da imigração. 4% dos respondentes indicaram entre os outros motivos o facto de os familiares serem de origem lusoafricana.

Quanto aos outros motivos, 23% dos respondentes apontam para o facto de a língua portuguesa ser considerada pelos aprendentes tchecos como uma língua exótica, isto é, como uma língua menos habitual e menos conhecida em comparação com outras línguas estrangeiras. Como já adíamos nas linhas anteriores, tanto o hábito e a necessidade de conhecer as línguas estrangeiras como o ensino obrigatório iam mudando conforme o contexto histórico do país.

Relativamente às razões pragmáticas, elas poderiam ser definidas como parte da motivação extrínseca, isso porque estão associadas, primariamente, ao cálculo das vantagens a serem adquiridas. Com efeito, no questionário, 16% das respostas referem que a língua portuguesa é considerada uma língua economicamente relevante, o que, de facto, confirmam várias fontes. Por exemplo, Fátima Henriques Silva (2021) afirma a língua portuguesa ser uma língua “com um valor económico muito elevado que abre muitas perspetivas de futuro”. Segundo a União Europeia, o português encontra-se, no momento, entre as oito línguas mais procuradas no mercado de trabalho europeu²⁸ junto com o inglês, espanhol, francês, japonês, mandarim, alemão e árabe. Para os respondentes, portanto, é uma ferramenta de comunicação muito importante na área das relações económicas internacionais e, cujo conhecimento representa uma qualidade a ser aproveitada no futuro emprego.

Quanto ao aspeto fonético e fonológico, 15% dos participantes indicaram terem gosto pelo *mellifluous sound* da língua portuguesa. Por um

²⁸ <https://www.una.br/blog/8-idiomas-mais-procurados-no-mercado-de-trabalho/>.

lado, isto pode ser causado por ser vista como uma língua exótica (a língua portuguesa acarreta ao aprendente um novo som e de uma nova melodia), por outro lado, o que pode entrar em jogo é a proximidade que se pode verificar a nível do sistema consonântico.

No entanto, apesar de todos os motivos mencionados, o português não é avaliado como uma língua que seja fácil de aprender. Na escala de 1-5 (1 – muito fácil, 2 – fácil, 3 – difícil, 4 – muito difícil, 5 – extremamente difícil), aos alunos foi pedido avaliarem o grau de dificuldade a nível fonológico (considerado como muito difícil – grau 4), e gramatical (sendo avaliado como difícil ou muito difícil – grau 3-4).

4.2. Pontos problemáticos no processo de aprendizagem

Nesta parte do inquérito, pedimos aos alunos para indicarem os maiores obstáculos que enfrentam no processo de aprendizagem aos dois níveis mencionados. A nível fonético focalizamos os problemas associados à perceção e à produção da fala, e a nível morfológico e gramatical prestamos atenção aos problemas relacionados com a formação das categorias gramaticais. Começaremos por mostrar os resultados que adquirimos a nível fonético-fonológico.

4.2.1. Nível fonético – fonológico

Quanto à produção da fala, as maiores dificuldades indicadas pelos alunos foram: a pronúncia das diferentes qualidades vocálicas, a nasalidade, a acentuação, a união entre as palavras, as combinações consonânticas, a entoação e as variedades de português que os alunos vão adotando, alternadamente, durante a aprendizagem e que depois levam a *performances* heterogêneas.

No que se refere à produção, é nela que mais marcantemente se reflete a interferência da língua materna. O movimento automático dos órgãos articulatórios incorre principalmente na pronúncia deficiente das qualidades vocálicas e, conseqüentemente, das palavras homógrafas portuguesas em que a vogal é fonologicamente relevante, p. ex.: *avÓ* e *avô*, *mOlho* (conjunto de chaves) e *molho* (comida), *encErro* (verbo) vs. *Encerro* (nome), etc. Muitas vezes ocorre o supletivismo da oposição qualitativa pela quantitativa, pronunciando os formandos checos as vogais abertas como mais breves e as mais fechadas como mais longas. No entan-

to, por via de regra, alcançam o efeito contrário, porque prolongando a vogal, fecham o ângulo maxilar e fecham, portanto, a vogal.

Um outro ponto problemático mencionado consiste na insuficiente ativação das cordas nasais e na não realizada nasalidade vocálica. Apesar de a nasalidade ter sido uma propriedade do eslavo antigo eclesiástico, até agora, ela tem sobrevivido apenas nas línguas polaca ou casúbia. Contudo, o repertório vocálico tcheco, hoje em dia, não conta com a nasalidade a não ser no caso de as consoantes nasais serem seguidas por uma velar (por exemplo, na palavra *tango*). Outra vez estamos perante o problema de reconhecer, tanto na produção como na percepção da fala, a diferença entre tais palavras como são: *lã x lá, vi x vim, só x som, pão x pau, queijo x caju*. etc.

Um dos maiores problemas referido é, também, a acentuação, sendo que na língua tcheca padrão, o acento em cada palavra recai na primeira sílaba, o que facilita, mesmo na fala mais rápida, a identificação das diferentes palavras no texto. Cada espaço *intertônico* portanto implica uma unidade lexemática. Assim, na frase tcheca: *Slavímenarozeníny* (tradução *Festejamos o aniversário*) existem duas palavras que preencham dois espaços intertônicos: */Slavíme (festejamos)/narozeníny (o aniversário)/*. Na língua portuguesa, contudo, no espaço entre duas sílabas tónicas podemos encontrar fragmentos de mais palavras. Assim, na mesma frase traduzida para o português: *Festejamos o aniversário*. existem três espaços intertônicos: */-feste/jamos o aniver/sário/*. Então, na primeira fase de aprendizagem, a tendência é a de procurar um equivalente a estes espaços intertônicos, como, por exemplo, *a /jamos o aniver/*, que na língua tcheca, portanto, separam as palavras. Numa cadência mais rápida, a capacidade de percepção torna-se ainda pior, havendo redução ou omissão das vogais átonas, facto que faz com que as sílabas, muitas vezes sejam pronunciadas como grupos consonânticos.

Quanto à percepção, o maior problema vê-se, naturalmente, associado à cadência mais rápida e – dela decorrente – a redução vocálica (nesse sentido, o PB revela-se como mais fácil para alguns respondentes). A cadência mais rápida impede o ouvinte não nativo de identificar todos os itens lexicais na frase. Quanto às palatais, é sobretudo a realização de grafemas x, z, s que varia segundo o contexto fonemático nas palavras como *mesa, mesmo, pasta, sintaxe, xícara, exame, zenit*, etc.

4.2.2. *Nível morfológico*

No que ao nível morfológico e à formação das categorias gramaticais se refere, as dificuldades relacionam-se, sobretudo, com o sistema verbal (modo e tempo). Um dos maiores problemas é, também, o uso das preposições portuguesas, a colocação dos pronomes (o que se deve sobretudo às diferenças entre PE e PB), o uso do artigo (recordemos que este determinante falta na língua tcheca), a atribuição de Gênero gramatical não ontológico aos substantivos (alíngua tcheca tem para além do Gênero masculino e feminino, também o neutro), a formação de plural (sujeita a regras novas para um aluno eslavo).

Quanto à categoria verbal de tempo, o contraste que mais problemas acarreta refere-se ao sistema temporal, o qual, em português, possui um paradigma mais rico em tempos (10 tempos verbais no indicativo e 6 tempos verbais no conjuntivo), enquanto o sistema verbal tcheco possui apenas 3 tempos indicativos, que são absolutos (isto é: o passado, o presente e o futuro) carecendo de tempos relativos e do modo conjuntivo. No que à categoria verbal de aspeto diz respeito, as duas línguas encaram-na de dois modos diferentes. No sistema temporal verbal português reflete-se sobretudo, a tipologia aspetual baseada na distinção entre eventos, estados, processos culminados, culminações e pontos. No sistema verbal tcheco manifesta-se como relevante a distinção entre o aspeto no próprio sentido da palavra (partindo da oposição de telicidade x atelicidade) e o aspeto denominado *fásico* (que conta com três fases: ingressiva, durativa e conclusiva) expresso, em tcheco, pelos sufixos (cf. JINDROVÁ, 2017), e, em português, pelas construções verbais perifrásticas.

Enquanto, na língua tcheca, os diferentes valores aspetuais se encontram, na maioria dos casos, implícitos na forma verbal, a língua portuguesa, muitas vezes, precisa de recorrer a expressões adverbiais para exprimir o mesmo significado, como exemplificam as duas frases no seguinte quadro:

Tabela 4: Comparação do sistema aspetual tcheco e português.

	<i>expressão adverbial</i>	<i>tempo verbal</i>
<i>pt</i>	À(s) <i>quartas(s)-feira(s)</i> – <i>iteratividade</i> Na <i>quarta-feira</i> – <i>pontualidade</i>	<i>vou fazer compras.</i> (não muda) <i>vou fazer compras.</i>
<i>cz</i>	<i>Ve středu</i> (não muda) <i>Ve středu</i>	<i>(po)jedenánákup.</i> – <i>pontualidade</i> <i>budu jezdit na nákup.</i> – <i>iteratividade</i>

Como vemos na frase portuguesa, é o sintagma preposicional constituinte aspetualmente relevante, implicando a expressão “às quartas-feiras” a pluralidade das ocorrências predicativas e “na quarta-feira” a

singularidade das mesmas, mantendo-se o verboir na mesma forma (*you*) em ambos os casos (cf. SVOBODOVÁ, 2016). Em tcheco, a oposição aspetual exprime-se primariamente, pelo processo gramatical que consiste no uso das diferentes formas aspetuais do verbo (assinalado em negrito) sendo que o advérbio não precisa de ser modificado. O seu uso, muitas vezes, é dado pelo carácter lógico – aspetual que, em português, é determinado pela telicidade, mas, em tcheco, pela duratividade. Por isso, enquanto no português é habitual dizer: *Ontem choveu*, na língua tcheca, é mais natural a frase *Včera pršelo*, que corresponde à tradução literal portuguesa de *Ontem chovia*.

Outras diferenças radicais que existem entre as duas línguas e que acarretam um perigo mais elevado de surgirem erros, são as seguintes:

- A distinção semântica dos verbos *ser*, *estar* e *haver*: na língua tcheca, há apenas um equivalente – o verbo *být*, e isso inclusive na voz passiva analítica.
- Atransitividade verbal: estarem sempre coincide nas duas línguas. Por exemplo, o verbo *pomoci* (=ajudar) em tcheco é transitivo indireto (*pomohu mu* equivaleria à construção literal *ajudo-lhe* em vez de *ajudo-o*). O verbo *zeptat se* (=perguntar) em tcheco é oblíquo genitivo, enquanto em português, *perguntar (a alguém)* é verbo transitivo indireto. Estas diferenças de transitividade conduzem, sobretudo, ao uso errado das preposições e, também, dos pronomes clíticos dativos (*lhe, lhes*) e acusativos (*o, a, os, as*).
- O tratamento: ao tratamento pelo *senhor, senhora* corresponde o tratamento por *vós* na língua tcheca, isto é, o uso da 2.ª pessoa do plural (para tratar uma ou mais pessoas) é, para um falante tcheco, mais natural do que o uso da terceira pessoa do singular ou plural.

5. Conclusão

Seja qual for a língua estrangeira que optamos por aprender, o princípio do seu conhecimento depende, sobretudo, de critérios motivacionais. Decidimos estudar uma língua estrangeira ou por nos ser imposta por circunstâncias externas (por exemplo, no caso do ensino obrigatório) ou por necessidade e interesse pessoal, isto é, por motivos internos. O

que pode dificultar o processo de aprendizagem, são as divergências linguísticas que existem entre a língua materna e a língua adquirida.

Foi, portanto, o objetivo do nosso trabalho, verificar quais são os critérios motivacionais que contribuem para a escolha de português como língua estrangeira na República Tcheca e, ao mesmo tempo, descobrir os pontos mais problemáticos que podem constituir um obstáculo no processo de ensino e aprendizagem.

Tendo mapeado a situação no país, podemos afirmar que o principal motivo de estudo é de caráter intrínseco (interesse pela língua, literatura e cultura, gosto pela fonética e motivos familiares), mas foi verificado também motivos pragmáticos que consistem no facto de os alunos consideraram que o domínio da língua portuguesa constitui uma vantagem na procura de um futuro emprego. Estes fatores contribuem para ultrapassar, com mais facilidade, os obstáculos que se encontram no caminho da aprendizagem.

Estas verificam-se apesar de ambas as línguas pertencerem às línguas flexionais. Como pudemos observar, os processos analíticos e sintéticos da formação das categorias gramaticais, nem sempre coincidem nas línguas comparadas. Ao mesmo tempo, registam-se diferenças bem marcantes no sistema fonético-fonológico. No nosso artigo, referimos apenas alguns, limitando-nos a uma amostra de pontos mais problemáticos causados pelas diferenças tipológicas, indicados pelos respondentes do nosso questionário, que levaram a refletir sobre uma gama de aspetos associados ao processo de ensino e de aprendizagem no contexto da língua checa, eventualmente, também, outras línguas eslavas.

Somos conscientes de a nossa análise contrastiva ser parcial, ficando muitos aspetos ainda para futuros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. Tipologia do espaço e tipologia das línguas na Linguística Cognitiva: proposta de Leonard Talmy. In: ALVARO, P.T.; FERRARI, L. (Eds). *Linguística Cognitiva: pensamento, lin-*

guagem e cultura. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017. Vol. I, p. 136-77

BÍČAN, Aleš. Kvantitativní analýza slabiky v českém lexikonu. *Linguistica Brunensia*, roč. 63, č. 2, p. 87-107, Brno: Masarykova univerzita, 2015.

BIBZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J.A. (Org.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-36

_____. Como motivar os alunos: sugestões práticas. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J.A.; GUIMARÃES, S.E.R. (Eds). *Motivação para aprender*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 13-42

COMRIE, Bernard. *Language universals and language typology. Syntax and Morphology*. Oxford: Blackwell, 1981.

DÖRNYEI, Zoltán. Motivation in second and foreign language learning. *Language Teaching*, v. 31, n. 3, p. 117-35, 1998. Disponível em: <https://www.zoltandornyei.co.uk>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

ELLIS, Rod. *The study of second language acquisition*. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FLUSSER, Vilém. Da língua portuguesa. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro: ABF, 1960.

_____. *Filosofia de Caixa Preta. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo. Hucitec, 1985.

_____. (1963). *Língua e realidade*. Anna Blume. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

GARDNER, R. C. Language learning motivation: The student, the teacher, and the researcher. *Texas Papers in Foreign Language Education*, 6, p. 1-18, 2001.

GORDON, Matthew K. Phonological Typology Oxford Scholarship Online, 2016.

GREENBERG, Josef H. *Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements*. Universals of language. The MIT Press: Cambridge, 1966. p. 58-90

JINDROVÁ, Jaroslava. *Perifrastické konstrukce v portugalštině*. Karolinum. Praga, 2017.

KLÍMA, Jan. Dějiny – intenzita – tendence. *Mezinárodní vztahy Praha, Ústav mezinárodních vztahů* 31, n. 3, p. 73-81, 1996.

KOYFMAN, Steph. What is the most beautiful word in the world?. *Babel Magazine*, 16 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.babel.com/en/magazine/what-is-the-most-beautiful-word-in-the-world/>.

MORAVCSIK, Edith A. Explaining language universals. In: SONG, J.J. (ed.). *The Oxford handbook of language typology*. Oxford University Press, 2011. p. 69-89

_____. What is universal about typology?. *Linguistic Typology*. 11/1, p. 27-41, 2007.

NUNES, Claudécio Campos. A motivação como um fator determinante do ensino e da aprendizagem de uma língua estrangeira. *Revista Intercâmbio*, v. XLIII, p. 18-31, São Paulo: LAEL/PUCSP, 2020.

ODLIN, Terence. *Language Transfer: Cross-Linguistic Influence. Language Learning*, Cambridge University Press, 1989.

POPELA, Jaroslav; BOČEK, Vít; VYKYPĚL, B. *Skaličková jazyková typologie*. Universidade de Masaryk. Brno, 2006.

PRŮŠEK, J. *Učebnice mluvené češtiny*. Zlín, 1938.

REYZER, Rafael. 80 Most Beautiful Words in The World (Defined). In: _____. *Grammar and Vocabulary*. 19 de fevereiro de 2021. disponível em: <https://rafalreyzer.com/most-beautiful-words-in-the-world/>.

SILVA, Fátima Henriues. *Introdução à língua portuguesa*. Massive Open Online Course. Academia da Universidade do Porto, 2021. Disponível em: https://noticias.up.pt/curso-online-da-u-porto-premiado-pela-international-e-learning-association/?fbclid=IwAR3sIL93etuet4qIynSpxHrczEdDuQj2Akf_WDSmFrhJdQ7v5ZNhC16ySGg.

SKALIČKA, Vladimír. *Typ češtiny*. Praha. Slovanské nakladatelství, 1951.

_____. Ein “typologisches Konstrukt”“. *TLP 2*, Praha, 1966. p. 157-64

SOUZA, Ricardo Napoleão de. Tipologia fonológica e medidas de complexidade: ferramentas para a documentação linguística, linguística histó-

rica e areal. In: Associação Brasileira de Linguística, 2020. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CmSYUnHqYw>.

SVOBODOVÁ, Iva. Comparação tipológica das línguas checa e portuguesa segundo Vladimír Skalička. *Études romanes de Brno*, n. 33, v. 1, p. 385-99, Brno: Universidade de Masaryk, 2012.

_____. Português como língua estrangeira na República Checa. In: TEIXEIRA, José. *O português como língua num mundo global. Problemas e potencialidades*. Braga: Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho, 2016. p. 141-60

_____. *Language and Culture as a guarantees of multipolar and more tolerant future: the strategic, political, diplomatic and economic value of the Portuguese language, Embassy of Portugal in Prague. A Europa após a pandemia*. 2021.

TLÁSKAL, Jaromír. *Fonetika a fonologie současné evropské portugalštiny*. Karolinum. Praga, 2006.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact. Findings and Problems*. Moutoun, 1974.

Páginas web:

Instituto Camões:

<https://www.instituto-camoes.pt/sobre/comunicacao/noticias/republica-checa-inauguracao-em-praga-da-exposicao-50-mil-rosas-para-a-revolucao-de-veludo-amizade-entre-vaclav-havel-e-mario-soares>.

<https://youtu.be/7trNUey0qRw>.

Associação Brasileira de Linguística:

<https://youtu.be/7trNUey0qRw>

Dicionários:

<https://dicionario.priberam.org/motiva%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 07-10-2021].

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Blogues:

<https://www.una.br/blog/8-idiomas-mais-procurados-no-mercado-de-trabalho/>.